



ALÉM DAS EXPLICAÇÕES CAUSAIS: a compreensão do suicídio na perspectiva da psicologia fenomenológica existencial

DOI: 10.22289/2446-922X.V9N2A13

Roberta da Rocha **Rosa**¹
Loivo José **Mallmann**
Amanda Kelly Charato **Sales**
Andressa Bretas **Bernardes**
Danielle Miyuki **Momose**
Mariana Andrade **Silva**
Viviane Taís **Coriolano**

RESUMO

O presente trabalho versa sobre o tema do suicídio na perspectiva da Psicologia Fenomenológica Existencial. A pergunta norteadora do estudo é: como a Psicologia Fenomenológica Existencial compreende e analisa o tema do suicídio? O objetivo geral é discutir a problemática do suicídio sob o olhar da Psicologia Fenomenológica Existencial de inspiração heideggeriana. Como objetivos específicos apresentam-se: contextualizar a questão do suicídio; compreender as categorias de finitude, morte e autonomia; e analisar a discussão da moralização, culpabilização e patologização do suicídio. Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, pela qual se busca descrever o desenvolvimento de determinado tema por meio da análise da produção científica. Partindo de uma análise estatística e dos diferentes modos de compreensão do suicídio, procurou-se alcançar uma reflexão mais profunda acerca das questões existenciais referentes a tal fenômeno, percorrendo reflexões acerca dos sentidos da finitude a partir de algumas ideias, tais como angústia, desespero, liberdade e escolha, e passando por aspectos envolvendo questões sobre causa e motivo. Por fim, buscou-se aprofundar as interpretações rotuladoras tradicionais que prevalecem sobre os modos de compreensão do ato de colocar fim à própria vida, com destaque para a visão moralizante, de culpabilização e de patologização. Espera-se que as discussões realizadas possam favorecer uma visão que contemple a subjetividade e a complexidade de cada existência a respeito do suicídio.

229

Palavras-chave: Tentativa de Suicídio; Existencialismo; Fenomenologia.

¹ Endereço eletrônico de contato: robertarosamartins@hotmail.com

Recebido em 17/07/2023. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 05/09/2023.



BEYOND CAUSAL EXPLANATIONS: the understanding of suicide from the perspective of existential phenomenological psychology

ABSTRACT

This article is about suicide on the Phenomenological Existential Psychology perspective. The question that guides this study is: how does the Phenomenological Existential Psychology understands and analyses the suicide subject? The general goal of the article is to discuss the matter of the suicide under the heideggerian Phenomenological Existential Psychology's view. The specific goals are: contextualize the suicide matter; to understand the finitude, death and autonomy categories; and analyse the discussion of moralization, blaming and pathologizing of the suicide. This is a narrative literature review that attempts to describe the development of such theme, through the analysis of scientific production. Starting with a statistical analysis and the different ways of understanding of the suicide, this article attempted to reach a deeper reflection about the existential matters about the phenomenon. Going through reflections about the meaning of finitude, using some ideas, such as anguish, freedom and choice, and also aspects involving matters of cause and motive. Lastly, we attempted to deepen the interpretations of traditional labelers that that remains about the ways of understanding the behavior of putting an end to one's own life. With an emphasis for the moralizing view, of blaming and pathologizing. We hope that the discussions made can favor a point of view that encompasses the subjectivity and complexity of each existence regarding suicide.

Keywords: Suicide Attempt; Existencialism; Phenomenology.

MÁS ALLÁ DE LAS EXPLICACIONES CAUSALES: la comprensión del suicidio desde la psicología fenomenológica existencial

230

RESUMEN

El presente trabajo aborda el tema del suicidio desde la perspectiva de la Psicología Fenomenológica Existencial. La pregunta orientadora del estudio es: ¿cómo la Psicología Fenomenológica Existencial entiende y analiza el tema del suicidio? El objetivo general es discutir el tema del suicidio desde la perspectiva de la Psicología Fenomenológica Existencial de inspiración heideggeriana. Los objetivos específicos son: contextualizar la cuestión del suicidio; comprender las categorías de finitud, muerte y autonomía; y analizar la discusión sobre moralización, culpa y patologización del suicidio. Es una revisión de literatura narrativa, que busca describir el desarrollo de un tema determinado a través del análisis de la producción científica. Partiendo de un análisis estadístico y de las diferentes formas de entender el suicidio, se intentó llegar a una reflexión más profunda acerca de las cuestiones existenciales relacionadas con este fenómeno, pasando por reflexiones sobre los significados de la finitud a partir de algunas ideas, como la angustia, la desesperación, la libertad y la elección, y repasando aspectos que implican cuestiones de causa y motivo. Finalmente, se buscó profundizar en las interpretaciones tradicionales del etiquetado que prevalecen sobre las formas de entender el acto de poner fin a la propia vida, con énfasis en la mirada moralizante, culpabilizadora y patologizadora. Se espera que las discusiones realizadas favorezcan una visión que contemple la subjetividad y complejidad de cada existencia frente al suicidio.

Palabras clave: Intento De Suicidio; Existencialismo; Fenomenología.



1 INTRODUÇÃO

O suicídio é o único problema filosófico verdadeiramente sério, pois julgar se a vida vale ou não à pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. (Albert Camus)

A pergunta norteadora do estudo é: como a Psicologia Fenomenológica Existencial compreende e analisa o tema do suicídio? Como objetivos específicos apresentam-se: contextualizar a questão do suicídio; compreender as categorias de finitude, morte e autonomia; e analisar a discussão da moralização, culpabilização e patologização do suicídio. Mas, o que é suicídio? A palavra vem do latim *sui*, que significa “a si mesmo”, mais *cidium*, que significa “matar”, “ato de decidir pôr fim à vida” (Santos, 2020, p. 8). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2022), pouco mais de 700 mil pessoas morrem por ano no mundo em decorrência do suicídio, sendo que, para cada suicídio consumado, há outras 20 tentativas. Já no Brasil, os dados mostram que, entre 2010 e 2019, ocorreram cerca de 112.230 óbitos em decorrência do suicídio, ressaltando-se os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina com as taxas mais elevadas de suicídio do país (Ministério da Saúde, 2021).

Segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022), entre 2016 e 2021, houve uma alta de 49,2% no número de suicídios no Brasil, passando de 9.623 para 14.353. No estado do Paraná esse aumento foi ainda mais significativo: em 2016, foram registrados 379 suicídios e, em 2021, esse número passou para 718, o que representa um aumento de 89,45%. Conforme a Associação Brasileira de Psiquiatria (2014) e Kowalski (2022), mais de 90% dos casos de suicídio estão relacionados com distúrbios mentais como depressão, transtorno bipolar e abuso de substâncias. Ainda, dados da pesquisa desenvolvida pela Vital Strategies e pela Universidade Federal de Pelotas revelam que durante a pandemia do COVID-19 os diagnósticos de depressão no país tiveram um aumento de 40% (Hallal et al., 2022).

Para além de um olhar fatalista, pode-se citar a tipologia de suicídio de Durkheim (1982), que apresenta quatro tipos de suicídio: egoísta, fatalista, altruísta e anômico. No primeiro, há uma individualização, na qual a dialética entre sujeito e sociedade se perde. Ao contrário, o segundo está tão imerso na sociedade que pressiona o cometimento do ato com normativas. O terceiro é considerado um ato de heroísmo, e no último o sujeito não encontra sentido na existência (Oliveira, 2020).

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5 (American Psychiatric Association, 2014), o comportamento suicida é situado no contexto de uma variedade de transtornos mentais, em que se destacam o transtorno bipolar, o transtorno depressivo



maior, a esquizofrenia, o transtorno por uso de substâncias, entre outros. Relacionadas aos transtornos mentais descritos no DSM-5, a depressão e a bipolaridade são estatisticamente os transtornos mais comuns na tentativa de suicídio. Porém, para se compreender o suicídio, deve-se enxergá-lo como um ato resultante de vários fatores como contexto cultural, história de vida do indivíduo, entre outros (Cruz et al., 2020; Tondo et al., 2007). Ou seja, o suicídio vai além de estimativas como fator social, e comporta inúmeras vertentes com visões positivas e negativas.

Por sua vez, Evangelista (2016) questiona o que é a Psicologia Fenomenológica Existencial. Husserl (1965) esclarece que a fenomenologia compreende uma ciência, um método e uma atitude intelectual. Nela se dá a atitude fenomenológica como maneira de acesso ao mundo ou forma de pesquisa para a compreensão do seu objeto por meio da redução fenomenológica ou *Epoché*, por assim dizer, colocar entre parênteses os 'pré-conceitos' e os 'pré-juízos' para que se alcance as mesmas coisas (Ewald, 2008). Desse modo, na Psicologia Fenomenológica entra-se no mundo do paciente, prestando-se atenção na maneira como ele vivencia, resgatando-se a experiência tal como acontece na sua vivência (Evangelista, 2016).

Já o existencialismo é uma análise do modo de ser do homem no mundo (Abbagnano, 1984), o estudo da relação do homem com o mundo, de como o mundo influencia o homem e vice-versa. Portanto, uma atitude fenomenológica existencial não parte do estudo do homem-mundo como algo dado e constituído, mas como uma construção, um fazer, uma busca pelas relações sociais e sua influência nas decisões tomadas. No caso deste trabalho, das decisões tomadas com referência ao suicídio.

A Psicologia Fenomenológica busca revelar o ser humano para si mesmo, fazê-lo refletir e compreender o seu modo de ser no mundo, oferecendo um olhar diferenciado para o mundo e os fenômenos na interação com a realidade, vendo de forma nova a dicotomia sujeito-objeto (Holanda, 2014). Morato (2009) apresenta três maneiras distintas de articular os termos fenomenologia e existência no campo da Psicologia. A primeira é fenomenológico-existencial, que aproxima elementos da fenomenologia e do existencialismo, e na qual se destacam autores como Husserl, Nietzsche, Buber, Sartre e Kierkegaard. A segunda é fenomenológica e existencial, em que se distingue entre uma forma mais transcendental e existencial dentro da fenomenologia. A terceira é fenomenológica existencial, centrada na perspectiva da fenomenologia de Heidegger com contribuições de Merleau-Ponty, e que fundamentou o presente estudo.

Para Heidegger (2007) a técnica moderna é centrada na razão instrumental, e leva o homem a querer controlar a natureza e a pensar que tudo é passível de ser planejado e controlado. O controle voltado para a natureza se aplica também no comportamento humano, com o intuito de prever e prevenir o 'eu' de situações de tristeza e sofrimento (Santos, 2020). Heidegger (2007) questiona a técnica moderna como modo de distanciar o homem da essência do fenômeno ou até mesmo de prendê-lo. Portanto, a fenomenologia pode ser usada como método de apreensão do



suicídio para questionar o dever de viver, a produtividade, o pecado, o suicídio como doença mental, conduzindo a um caminho mais questionador desses postulados (Cocco, 2006; Silva, 2018).

Procura-se, assim, compreender o fenômeno do suicídio na sua essência e problematizar concepções enraizadas e valores subjacentes aos discursos sobre o tema. Ainda, para não patologizar, moralizar ou culpar o indivíduo pelos caminhos tomados em relação ao suicídio, entende-se que há uma “significação simbólica e cultural que não se esgota num sintoma patológico” (Marcondes & Pretto, 2020, n.p). Tampouco é um fenômeno epistemologicamente hermético, pois não existe indivíduo sem o contexto social, e o ser só se define por meio da existência do outro, da comparação com o outro (Calisto, 2018; Nagafuchi, 2018).

Segundo Vares (2017), as análises do suicídio não devem ser centradas em algum tipo de explicação psicopatológica, biológica, genética, climática ou geográfica. Por mais importantes que elas sejam, uma perspectiva inversa permite a observação da faceta subjetiva e pessoal do fenômeno que acomete o ser, da sua singularidade (Marcondes & Pretto, 2020). Sartre (2014) também discute o tema, quando defende a aplicação de uma teoria dialética entre singular (indivíduo) e universal (social).

Logo, “a vida é de fato propriedade individual do sujeito ou uma obrigação imposta desde o nascimento”? (Marcondes, 2020, n.p). Os indivíduos são livres para escolher? De acordo com Sartre (2014), se a existência humana precede a sua essência, os indivíduos são livres para definir o propósito da sua vida. A relação entre tais decisões não é de causalidade, mas motivacional. Portanto, suscita questionamentos sobre se a vida vale a pena ser vivida e por qual motivo.

233

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Neste estudo foi realizada uma revisão narrativa de literatura, que permite descrever o desenvolvimento de determinado tema por meio de sua produção científica (Ribeiro, 2014). Foram selecionados artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses publicados nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Google Acadêmico e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic). Os descritores usados foram: “suicídio e psicologia”, “psicologia existencial”, “psicologia fenomenológica” e “psicologia existencial e suicídio”. Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos escritos em português em revistas nacionais e disponíveis na íntegra em suporte eletrônico; textos publicados entre 2016 e 2022. Foram excluídos textos publicados em língua estrangeira. Livros e capítulos de livros relacionados com o tema também foram consultados. Foram selecionados e analisados 13 artigos que cumpriram os critérios de inclusão e exclusão.

Os dados foram estudados por meio da análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Tal método é composto por três fases: leitura flutuante do material selecionado, exploração do material, assim como inferência e discussão dos resultados. Emergiram das leituras as seguintes categorias



de análise: finitude e morte; liberdade e autonomia; moralização do suicídio; culpabilização do suicídio; e patologização do suicídio.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeiramente salienta-se que os materiais identificados com o tema e também selecionados, os quais encontram-se nas referências, levaram aos presentes resultados, expostos a seguir. Neste tópico do trabalho serão discutidas as categorias de finitude e morte, liberdade e autonomia, moralização, culpabilização e patologização do suicídio. Cada um dos itens será problematizado, buscando-se fazer inferências e diálogos com autores que analisam estes temas.

3.1 Finitude e Morte

Quando Heidegger (2005) se dispõe a tratar a existência, apresenta o *Dasein*, que pode ser compreendido como o modo de ser-no-mundo e o ser-com os outros. O ser-no-mundo se refere ao ser mediante as possibilidades da existência; o ser-com os outros é a relação, a interação, que o *Dasein* mantém com os outros entes (Vale, 2008). Segundo tal filosofia, a angústia tem que estar integrada ao *Dasein*, possibilitando o *Dasein* autêntico, ou seja, o ser livre enquanto possibilidade e apropriação de si mesmo. Nesse sentido, a finitude integra o *Dasein*. Então, surge a questão da morte, pois é tendo em vista o porvir que o *Dasein* poderá se antecipar em busca da sua totalidade. Todavia, o *Dasein* nunca poderá alcançar o seu fim no sentido da totalidade, pois, quando a morte acontece, ele deixa de existir. Desse modo, não é possível experienciar a própria morte, apenas o fenômeno ontológico da morte dos outros. Heidegger (2005) esclarece que essa experiência da morte dos outros não ocorre, já que se está somente fazendo parte do fenômeno.

Se o *Dasein* não pode experienciar a sua própria morte e nem assumir a morte pelo outro, o autor sugere que a morte seja pensada de forma existencial, ou seja, enquanto possibilidade. Porém, em geral ela é encarada com atribuições do que está no cotidiano e de traços que não fazem parte do pessoal. Acredita-se que a morte sempre acontece, mas nunca com si próprio, pela dificuldade dos seres humanos de assumirem a angústia que gera. Assim, a postura adotada é a de não a aceitar e de fugir dela. Por fim, conforme Heidegger (2005), para viver de forma autêntica o ser humano precisa se conscientizar que haverá a morte, pois a finitude faz parte da existência. Um viver autêntico é encarar a morte como horizonte e possibilidade integrados ao *Dasein* (Amaral, 2011).

Para Kierkegaard (2010b) o ser humano pode ser compreendido como uma síntese do corpo e da alma, conseqüentemente de finito e infinito. A relação desses termos dialéticos é o espírito, pelo qual ele se diferencia do resto do mundo. Viver sob a presença esmagadora da finitude e da



morte pode ser uma experiência complexa e passível de ser ocultada tanto cultural como psicologicamente. Para se defender da 'presença' da morte, o ser humano pode desenvolver mecanismos de defesa como negação, repressão, intelectualização e deslocamento (Kovács, 1992).

Refletir sobre a morte fora dos tabus e das imposições da sociedade possibilita um entendimento melhor da finitude da vida. A fenomenologia é um recurso de suma importância para a Psicologia, já que utiliza um método de esclarecimento dos significados baseado na vivência dos indivíduos dos fenômenos da finitude, efemeridade, transitoriedade e angústia (Gomes & Sousa, 2017).

O fim é sempre um modo de envio. Desde o início da sua existência, o ser humano caminha para a morte. Mas, ela pode ser compreendida além do fim biológico? Cabe uma reflexão sobre o que é que morre? A morte é a destruição do quê? Quem morre na morte? No caso da morte por suicídio, ela tende a ser entendida como um ato complexo, que não pode ser associado de forma simplista a uma patologia ou acontecimento na vida pessoal (Kovács, 1992).

O desejo de tirar a própria vida pode estar associado a muitos motivos. Uma das temáticas recorrentemente vinculada ao tema é o desespero, compreendido como um sentimento de angústia frente a situações aversivas que não deveriam acontecer. Somente assim a vida seria plena e feliz (Protasio, 2018). Kierkegaard (2010b) define o desespero como a incapacidade de lidar com as circunstâncias e os conflitos que a vida apresenta. Nesse âmbito, o desejo de morrer é um modo de sair dele, de fugir das condições angustiantes, já que uma existência na qual vale a própria vontade não é alcançável. Para Kierkegaard (2010a) o desespero e a angústia decorrem de dois elementos presentes na existência: a finitude e a infinitude. De um lado, tem-se a finitude da vida e a temporalidade como um limite; por outro, a infinitude de possibilidades de escolha e de projetos a serem realizados.

Nos textos consultados em uma revisão de literatura realizada por Lima (2018), nota-se que a palavra desespero é vinculada ao sentido de desesperança, que deixa o indivíduo suscetível de cometer suicídio. Tal relação sustenta a ilusão de que é possível uma existência sem tensão, irregularidades e acontecimentos indesejáveis. Conforme Kierkegaard (2010b), o desespero é o estado em que o indivíduo não pode controlar as condições da sua existência, mas que elas precisam existir, mesmo quando adversas, pois o limitam ao mesmo tempo que o orientam. A existência, portanto, é a tentativa constante de conquistar a si mesmo. Não há como fugir disso. O desespero sempre estará presente, já que a existência é a abertura para transformar-se constantemente. E somente o homem é suscetível ao desespero, pois, diferente dos animais, possui a vantagem de escolha frente às possibilidades da sua existência de natureza determinada. Reichmann (1963) afirma que o homem se desespera diante dessa possibilidade de escolha sobre a sua existência. Logo, o fim da liberdade também é o fim do desespero.



A angústia se distingue do desespero, podendo ser entendida como um sentimento perante ao indeterminado. É inerente ao ser humano, já que é fruto das possibilidades que ele tem sobre a sua existência. Não pode ser definida como temor ou medo, porque eles são ligados a um objeto específico. A angústia é ligada somente à liberdade frente às possibilidades (Kierkegaard, 2010b). No entanto, o desespero é a doença do espírito. É a desarmonia diante do que também é infinito, ligado ao estado que o homem se coloca diante de si e do seu Criador. Para Kierkegaard (2010b) o espírito do homem é estabelecido por Deus como o criador de toda a complexidade humana, que deixa aos homens a responsabilidade de como guiá-la. Fugir da relação de si ou estar em desarmonia com as relações que constituem o homem, é não aceitar o seu próprio ser e, então, se desesperar.

Já a finitude é compreendida, sob uma perspectiva de temporalidade, como o limite do ser humano, ou seja, o seu fim. Mas, com o uso da imaginação e da fé, pode-se assumir um sentido infinito da existência. A partir daí, surgem novos sentidos além da existência no momento vivido, havendo angústia também para conquistar outras possibilidades (Protasio, 2020).

3.2 Liberdade e Autonomia

No livro *Morte e Desenvolvimento Humano*, de Kovács (1992), a temática da liberdade e da autonomia com relação à própria morte aparece quando a autora menciona que para a Igreja Católica é lícito que se encerre a vida mesmo estando ela insuportável. O contexto desse pensamento controverso é o que envolve os pacientes terminais hospitalizados, cuja intervenção determinada com o intuito de prolongar a vida ou a sobrevida é mais dolorosa do que a própria morte ou o estado em que eles se encontram. Em tais casos, é possível elaborar um documento registrado em cartório, que salvaguarda o direito da pessoa de não ser submetida eventualmente a procedimentos não autorizados por ela.

Sobre a falta de autonomia do homem no que tange a morte, Kovács (1992) considera que “embora o homem seja o único ser consciente de sua mortalidade e finitude, a sociedade ocidental com toda a sua tecnologia está tornando o homem inconsciente e privado de sua própria morte” (p. 43). Na visão fenomenológica, a chamada conduta suicida faz parte da liberdade inerente ao ser humano. É fruto de escolhas, ou melhor, é a última e pungente escolha (Ming-Wau et al., 2020; Sartre, 2013). Sartre (2014) afirma que o homem tem por destino o ato de fazer escolhas e sempre irá se deparar com elas. Essa é a sua liberdade. Nietzsche (Colección Grandes Pensadores, 2009) defende o suicídio como altamente digno, pois mostra a libertação das influências alheias. De acordo com Zappino (2017), filósofos clássicos como Aristóteles e Platão postulavam que o direito sobre a vida não pertence ao homem, e sim aos deuses e ao Estado. Kant (2020) também faz duras críticas ao suicídio, pois o considera contrário às leis da natureza.



Ao discorrer sobre a representação da morte perante a sociedade ao longo do tempo, além de seus ritos e significados, Kovács (1992) menciona que lugares como cavernas e grutas possuem uma analogia com o regresso ao útero materno. Por isso, muitos rituais de morte acontecem nesses lugares. A água é outro elemento que remete ao útero, o que explica tanta ocorrência de suicídio por afogamento, por exemplo, simbolizando o desejo do indivíduo de retornar ao útero da mãe.

Hume (1988) reflete sobre o suicídio pelo viés da sociedade capitalista, na qual o efeito do suicídio do homem para o capital tem o impacto apenas na perda de produção. Para o autor o suicídio em si não causa um mal significativo à sociedade, ao contrário da continuação da vida pelo suicida, que pode estar impregnada com uma carga demasiadamente pesada. Sartre (2013) retrata a questão da liberdade do comportamento inerente ao ser humano utilizando a mitologia romana e grega, quando comenta que o deus romano Júpiter usa a culpa para controlar as ações humanas.

3.3 Moralização do Suicídio

Feijoo (2018) argumenta que a vida é divina, cabendo apenas a Deus retirá-la. A ciência propõe a moralidade cristã e kantiana. Em áreas como Teologia, Direito, Medicina, Psicologia e Sociologia sustenta-se que o término da própria vida é pecado, patologia e até crime, além de injustiça familiar e social, propondo-se medidas preventivas contra o suicídio. Pelas estatísticas da Associação Brasileira de Psiquiatria (2009) 90% das pessoas que cometem suicídio têm patologia diagnosticada. Mas, e os outros 10%?

Hume (1988) considera que o homem que tira a própria vida não faz mal a ninguém, apenas deixa de produzir. Ele defende o ato quando a vida deixa de ser carga para ser sobrecarga. Schopenhauer (2006) o defende como sendo o único ato de liberdade. Já Nietzsche (2009) defende a dignidade do suicídio pelo fato de o homem conseguir se libertar dos outros.

Alvarez (1999) especifica que no Império Romano o Estado tinha regras bem rígidas para o suicídio, mas havia cinco motivos legítimos para que ocorresse: tédio da vida, muita dor, vergonha, paixão e loucura. “No Estado não laico” criaram-se leis com punições aos familiares dos suicidas no início da Idade Moderna. Na época, o suicídio era visto como homicídio de si mesmo, e o homem, enquanto propriedade do Estado, não poderia tirar algo que lhe pertence, provando ser um criminoso ao fazê-lo. Tal entendimento perdurou na Inglaterra até 1961. Quem não lograva êxito no suicídio era preso e aquele que conseguia tinha os bens de seus herdeiros alocados para o Estado. Hoje em dia o suicídio já não está sobre a determinação do Estado (Minois, 2018).

Feijoo (2019) constata que há muitas posições acerca do suicídio na moral cristã. No cristianismo é pecado, de acordo com Santo Agostinho, com culpa, erro, causa e falta de sentido, e quem se mata não vai para o mundo de Deus, mas para o Inferno, por haver infringido o mandamento “Não matarás”. Mas a autora lembra que no cristianismo arcaico o suicídio era visto como uma maneira de se alcançar uma vida melhor. No Antigo Testamento, ele é associado à



coragem. Pode-se citar o apóstolo Paulo, que saiu da vida na Terra para ir para um mundo melhor. Afinal, a vida é um bem supremo e tem que ser guardada de qualquer maneira. Além disso, ela é breve, e, como tal, deve ser prazerosa e feliz. Sêneca (4 a.C.-65 d.C.) e Tácito (55 d.C.-120 d.C.) consideravam o suicídio uma saída calma, porém precipitada (Minois, 2018).

Já no campo jurídico o suicídio não é crime, sendo abordado pelo viés da patologização, e no senso comum como loucura, sofrimento, coragem ou covardia. Segundo Nietzsche (2013), a moral se modifica com o tempo. Por isso, pode ser questionada, o que ajuda a entender como o suicídio passou a ser visto como tabu.

Em relação à causa e ao motivo que podem levar ao suicídio, é importante destacar o que ambos significam. Para Heidegger (2012) a causalidade trata de fenômenos que são interligados entre si dos quais o homem não tem participação. No motivo, há interferência do homem, que, por sua vez, determina se fará ou não algo., havendo a liberdade. Os pesquisadores se concentram nas causas, sendo que o importante são os motivos. De acordo com Feijoo (2019), ao se tomar o lado da prevenção, o foco recai mais na evitação do ato do que nas razões ou motivos que fazem com que uma pessoa queira pôr fim à vida. Deve haver acolhimento e escuta, sem estigmas ou preconceito, sem avaliação ou proibição. Isso também tem caráter preventivo, mas não sob a forma de controle, e sim aguardando-se com serenidade a decisão do outro.

Segundo Minois (2018), a morte liberta o ser humano de ser infeliz. Se há tantos infortúnios e tem-se que morrer um dia, por que não se pode decidir quando? A morte é a certeza da vida. O homem não precisa sofrer se pode se arrastar para a morte. No entanto, Platão entende que o homem está inserido na sociedade, devendo considerar seus deveres com Deus. Aristóteles enfatiza que ele deve desenvolver o seu papel na Pólis. O autor revela que, na Idade Média, quem retirasse a própria vida era considerado louco e desequilibrado mental. O diabo era visto como o causador da doença do espírito, devendo todo cristão evitá-la por meio da confissão frequente com um padre.

Sêneca (2017) compreende que se a vida é afetada pela violência externa, não há problema em se adiantar a morte. Se é possível escolher entre uma morte simples em vez de uma morte tortuosa, por que não escolher a primeira? Há que se poder escolher como sair da vida. Se a vida deixa o corpo ruim por destruir todas as suas funções, há que se deixar o edifício que está podre, pois o que importa é a qualidade da vida e não o quanto ela perdura. Não interessa morrer mais cedo ou mais tarde. Interessa morrer bem ou mal.

Cabe salientar que, conforme Vidal e Gontijo (2013), os profissionais da saúde estão despreparados para lidar com pacientes que tentaram o suicídio, mostrando preconceito e indiferença advindos do senso comum, além de falta de acolhimento. Eles encaram tais indivíduos como mimados que tentam chamar atenção, esquecendo-se que a ciência prega a vida a qualquer preço.



Por fim, Feijoo (2016) afirma que a experiência daquele que está indeciso se põe fim a própria vida se revela em seu existencialismo, com liberdade humana. Caso ele seja patologizado ou recriminado, será desmerecido da sua escolha de pensar que morrer ou viver são opções existenciais.

3.4 Culpabilização do Suicídio

No mundo atual, há uma padronização das pessoas em geral, definida por suas atitudes. Fugir desse padrão, segundo a sociedade, significa possuir algum transtorno ou desordem, como se houvesse um erro a ser corrigido. Deve-se entender que nem sempre o indivíduo que se suicidou possuía algum tipo de transtorno mental ou não lutou contra tal ato (Farias, 2018). A vida deve estar como prioridade acima de tudo. Ela faz parte do conceito da sociedade atual de que o suicídio é um ato ao mesmo tempo de coragem e de covardia (Foucault, 1987). Nesta perspectiva, prolongar a vida é visto como algo ao qual todos devem buscar, e terminar com ela é errôneo.

O fato de que o indivíduo que se suicidou não procurou tratamento psicológico não significa que o ato seria de fato evitado, caso ele tivesse buscado ajuda. A procura pela culpabilização dele por ter cometido suicídio se tornou tão grande, a ponto de não se entender que, para cometer o ato em si, existiu muita luta contra si mesmo anteriormente. O acolhimento profissional pode ajudá-lo durante a sua luta, embora por vezes não alcance 100% de eficácia (Farias, 2018).

Os pensamentos negativos e o isolamento envolvem o indivíduo com ideação. Ele se sente inferior, sem esperanças, e o suicídio representa uma fuga e uma resposta para acabar com os sentimentos vazios. Preocupação e aprovação do próximo são duas características comuns desses indivíduos, que desenvolvem um desejo de escapar e de se esconder de si mesmos (Tangney et al., 1996). Os indivíduos que pensam no suicídio como solução são vistos como portadores de desordem mental, considerados como se tivessem algo a ser corrigido, como se a busca por uma justificativa para os pensamentos suicidas levasse a uma resposta. Essa visão aparece na cartilha Suicídio: Informando para Prevenir, produzida pela Associação Brasileira de Psiquiatria (2014) e direcionada para profissionais que atuam na área da saúde. Assim, o profissional que lida com o suicídio se mostra como guardião da ordem e busca estar atento para apontar comportamentos que possibilitariam a ocorrência do fenômeno (Coimbra, 1995).

A necessidade da sociedade de rotular as pessoas é vasta, a ponto de ela pregar o entendimento de que cada indivíduo é diferente do outro, que suas atitudes decorrem da sua história única como pessoa. Os psicólogos podem, durante uma sessão, identificar uma pessoa com ideação suicida, e, com isso, tomar atitudes para diminuir o risco do ato. Porém, não se pode responsabilizá-los pela vida do próximo, pois, apesar das suas intervenções, cada atitude tomada condiz com a forma de se lidar com determinado momento (Farias, 2016, 2018).



É comum que, após o ato, os familiares se culpem por não haverem evitado o suicídio, buscando uma justificativa ou um culpado, o que facilita, de certa forma, a aceitação deles do ocorrido (Sbeghen, 2015). A culpa e a raiva são os sentimentos mais frequentes entre os enlutados, pois o fato de o familiar ter escolhido a morte ao invés da família muitas vezes causa revolta e incompreensão (Fukumitsu, 2013; Silva, 2013; Souza & Alves, 2013). É importante ressaltar que qualquer tentativa ou planejamento do suicídio devem ser levados a sério. A rede de saúde tem que estar alerta a todos os detalhes, para sempre reconhecer quando há algum risco (Associação Brasileira de Psiquiatria, 2014).

A Psicologia é uma ciência que está fundada no pensamento moderno marcado pela ideia de ordem e controle. A culpabilização do suicídio, presente em cartilhas e na atuação de profissionais da área, reforça o ofício regulador, que busca manter uma ordem estabelecida e atentar para os riscos que ameaçam a profissão. A Psicologia Fenomenológico Existencial critica esta prática, que procura encontrar os fatores causadores da desordem do suicídio para depois corrigi-los e readequá-los (Farias, 2018).

3.5 Patologização do Suicídio

O suicídio é um ato que conserva em seu interior tanta complexidade e mistério que tal decisão merece ser acompanhada no âmbito da própria experiência do indivíduo que decide se retirar da vida. Para tanto, faz-se necessário se posicionar frente àquele que se encontra envolvido com o desejo de morte voluntária, de modo a não guardar qualquer posicionamento moralizante, estigmatizante ou preconceituoso (Lessa, 2018).

A patologização é reforçada por meio de estigmas e preconceitos. Está interligada a quem o pratica, e protege do mal-estar de pensar que o suicídio pode ser encarado como uma alternativa viável para a vida e resultar de uma decisão racional (Roehe & Dutra, 2017).

Pode-se entender que o suicídio atravessa diversas transformações, nas quais o indivíduo vive em um mundo em mutação constante, causando sentimentos de angústia, dor e sofrimento. Heidegger (2007) refere-se ao mundo moderno como o mundo da desmedida, pois nela impera a lógica da produtividade, que, por desconhecer limites, nunca cessa, tornando-se a marca de um tempo compulsivo. Em um mundo no qual a medida da existência se obscurece, é difícil cada um conquistar a sua própria medida.

Sob o ponto de vista existencial, o suicídio exige assumir uma postura fenomenológica, ou seja, que se tome uma atitude antinatural, de modo a aproximar as pessoas do fenômeno sem partir de premissas acerca dele como doença, patologia, sofrimento, desespero e controle. É preciso que se suspenda qualquer perspectiva moralizante. Para se sustentar uma modalidade não moralizante do suicídio, é preciso destruir fenomenologicamente as concepções correntes sobre o ato, para,



dessa forma, poder se aproximar daquele que diz não mais querer viver sem a referência de uma moral normativa, que estabeleça o que é bom e mau, normal e patológico (Feijoo, 2019).

A referência à Analítica Existencial de Heidegger permite relacionar o fenômeno específico com as estruturas existenciais, que são a sua condição de possibilidade, sem que isso implique numa abordagem mentalista internalizada, nem em relações mecânico-funcionais com o ambiente. Suicidar-se é a possibilidade de um modo de ser que "tem em certa medida seu próprio ser na mão, à proporção em que [o indivíduo] se comporta de um modo ou de outro em relação ao seu poder-ser" (Heidegger, 2012, p. 401).

Na contramão desse modelo específico de psicologia disciplinar, que oferece saída e solução para situações difíceis da vida, afirma-se que, no que diz respeito à realização dinâmica dela, só se pode dar o que não se tem. Isso porque se desconhece a realização existencial particular, havendo uma posição antecipadora que pode dar a cada um a oportunidade de conquistá-la. Como alega Feijoo (2014), "dar, então, significa abrir um campo de possibilidades para que cada um possa conquistar a existência que é a sua" (p. 226).

Enfatiza-se que os valores de cada sociedade influenciam o valor que as pessoas atribuem à própria vida. Em algumas situações, o indivíduo pode atribuir a responsabilidade de tirar a própria vida ao outro. Nesse caso, ele se mata ansiando matar o outro dentro de si mesmo, uma questão que leva a se ponderar novamente sobre a relação com o outro (Roehe & Dutra, 2017). De fato, é necessário suspender qualquer perspectiva moralizante para poder analisar o fenômeno suicídio sem a referência de uma moral normativa, que estabeleça o que é bom e mau, normal e patológico. Ao se patologizar o suicídio e atribuir a sua ocorrência e causalidade a transtornos mentais, se reduz a discussão do tema e se prescinde da possibilidade de olhá-lo de modo mais abrangente (Almeida, 2019; Foucault, 1996). A patologização do suicídio favorece que se individualize o tema e se deixe de lado o contexto histórico, político e social onde o fenômeno ocorre.

241

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscou-se discutir, por meio de uma revisão narrativa da literatura, o fenômeno do suicídio na perspectiva da Psicologia Fenomenológica Existencial inspirada no pensamento de Heidegger. Na perspectiva fenomenológica, colocam-se entre parênteses os preconceitos e os saberes sobre o fenômeno a ser analisado. Heidegger (2007) questiona a visão tecnicista da ciência, que tenta explicar, controlar e prevenir comportamentos. No caso do suicídio, a perspectiva fenomenológica existencial não busca as suas causas, mas a compreensão, de forma acolhedora, dos motivos que estiveram presentes na sua ocorrência.

O ato do suicídio é uma circunstância experimentada por um indivíduo que, em certa situação existencial, não visualiza outra alternativa para amenizar o seu sofrimento. A ausência da capacidade de enfrentar a dor e as adversidades parece predispô-lo a escolher uma alternativa

Rev. Psicol Saúde e Debate. Set., 2023:9(2): 229-248.



irremediável para solucionar os seus conflitos através do seu perecimento. Logo, pensar em suicídio o expõe a uma tribulação existencial significativa, na qual ele questiona o valor da sua vida.

O suicídio não deve ser visto de maneira ingênua e banal, pois não se trata apenas de um desejo pela morte. Pelo presente estudo a discussão sobre o suicídio passa pela investigação da temática da finitude e da morte, da liberdade e da autonomia. A análise revelou a importância de se problematizar e questionar visões construídas no universo das ciências da saúde, como a perspectiva moralizante, de culpabilização e de associação do suicídio com patologias. O uso da Psicologia Fenomenológica Existencial evidenciou as contradições presentes nos discursos dos profissionais da área sobre o tema, que impedem a compreensão de questões existenciais enfrentadas por quem pensa em se matar. Novos estudos sobre a temática do suicídio, contudo, são necessários e oportunos. Isto é um desafio para os estudiosos da Psicologia e das ciências da saúde em geral.

5 REFERÊNCIAS

Abbagnano, N. (1984). *História da filosofia*. Presença.

Almeida, F. A. (2019). *Suicídio na Biopolítica - Estudo à luz dos escritos de Michel Foucault* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório Institucional da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/22729/2/FI%C3%A1via%20Andrade%20Almeida.pdf>

242

Alvarez, A. (1999). *O Deus selvagem: Um estudo do suicídio*. Companhia das Letras.

Amaral, D. L. (2011). A morte em Heidegger: Horizonte de possibilidades para uma vida autêntica.

Portal Pensamento Extemporaneo. https://pensamentoextemporaneo.com.br/?page_id=2667

American Psychiatric Association. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5*. Artmed.

Associação Brasileira de Psiquiatria (2009). *Manual para a Imprensa. Boas práticas de comunicação e guia com recomendações para um texto claro e esclarecedor sobre doenças mentais e psiquiatria*. Conselho Federal de Medicina.

Associação Brasileira de Psiquiatria. (2014). *Suicídio: Informando para prevenir*.

Conselho Federal de Medicina.

Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.



- Calisto, F. A. (2018). Absurdo e contingência em Camus e Sartre. *ConTextura*, 10(13), 30 -38.
<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/36834/2/Absurdo%20e%20conting%caancia%20em%20Camus%20e%20Sartre.pdf>
- Camus, A. (1942). *O mito de Sísifo*. Guanabara.
- Cocco, R. (2006). A questão da técnica em Martin Heidegger. *Controvérsia*. 2(1), 34-54.
<https://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/7089>
- Coimbra, C. (1995). *Guardiões da ordem: Algumas práticas psi no Brasil do "milagre"*. Oficinas do Autor.
- Nietzsche, F. (2009). *Colección Grandes Pensadores*. Gredos.
- Cruz, C. A., Sales, D. O., Souza, L. S. de., & Branco, P. C. C. (2020). O suicídio na perspectiva das psicologias humanista, fenomenológica e existencial: Revisão sistemática e metassíntese. *Contextos Clínicos*. 13(1), 293-315. <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2020.131.14>
- Dias, M. R. O. (2016). A relação entre a violência filiofamiliar, a vergonha, a culpa e a ideação suicida: Uma realidade silenciosa em crescimento [Dissertação de Mestrado, Instituto Universitário]. *Repositório Institucional do Instituto Universitário*.
<https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/5299/1/19732.pdf>
- Durkheim, E. (1982). *O suicídio*. Zahar.
- Evangelista, P. E. R. A. (2016). *Psicologia fenomenológica existencial: A prática psicológica à luz de Heidegger*. Juruá.
- Ewald, A. P. (2008). Fenomenologia e existencialismo: Articulando nexos, costurando sentidos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. 8(2), 149-165.
<http://www.revispsi.uerj.br/v8n2/artigos/pdf/v8n2a02.pdf>
- Farias, B. R. (2016). A culpa em situação: Esboço fenomenológico-existencial acerca do fenômeno da culpa [Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. *Repositório Institucional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*.
https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/15414/1/Dissert_Bernardo%20Rocha%20de%20Farias.pdf



- Farias, B. R. (2018). Psicologia, suicídio e culpabilização. In A. M. L. C. de Feijoo (Org.), *Suicídio: Entre o morrer e o viver* (pp. 145-170). IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C. (2014). Confissão e cura pela revelação da verdade escondida: É o objetivo da clínica psicológica? *Revista da Abordagem Gestáltica*. 20(2), 221-227.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v20n2/v20n2a10.pdf>
- Feijoo, A. M. L. C. (2016). *Por fim à vida: Coragem, desespero ou hybris*. Manuscrito submetido para publicação.
- Feijoo, A. M. L. C. (Org.). (2018). *Suicídio: Entre o morrer e o viver*. IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C. (2019). Suicídio: Uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 71(1), 158-173. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/abp/v71n1/12.pdf>
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2022). Anuário Brasileiro de Segurança Pública (No. 16).
<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Vozes.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso - Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970* (3th ed.). Edições Loyola. 244
- Fukumitsu, K. O. (2013). *Suicídio e luto: Histórias de filhos sobreviventes*. Digital Publish&Print.
- Gomes, D. M., & Sousa, A. M. (2017). A morte sob o olhar fenomenológico: Uma revisão integrativa. *Revista do NUFEN*. 9(3), 164-176. <https://doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol09.n03revir25>
- Hallal, P. C., Sardinha, L. M. V., Wehrmeister, F. C., & Paula, P. do C. B. (Orgs.). (2022). Inquérito telefônico de fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis em tempos de pandemia. *COVITEL*. <https://www.vitalstrategies.org/wp-content/uploads/Covitel-Inque%CC%81rito-Telefo%CC%82nico-de-Fatores-de-Risco-para-Doenc%CC%A7as-Cro%CC%82nicas-na%CC%83o-Transmissi%CC%81veis-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>
- Heidegger, M. (2001). *Seminários de Zollikon*. Vozes.
- Heidegger, M. (2005). *Ser e tempo*. Vozes.
- Heidegger, M. (2007). A questão da técnica. *Scientiae Studia*. 5(3), 375-398.
<https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006>
- Rev. Psicol Saúde e Debate*. Set., 2023:9(2): 229-248.



- Heidegger, M. (2012). *Os problemas fundamentais da fenomenologia*. Vozes.
- Holanda, A. F. (2014). *Fenomenologia e humanismo: Reflexões necessárias*. Juruá.
- Hume, D. (1988). *Sobre el suicídio y otros ensayos*. Alianza Editorial.
- Husserl, E. (1965). *A filosofia como ciência de rigor*. Atlântida.
- Kant, I. (2020). *Metafísica dos costumes*. Edipro.
- Kierkegaard, S. (2010a). *O conceito de angústia*. Vozes.
- Kierkegaard, S. (2010b). *O desespero humano*. Editora Unesp.
- Kovács, M. J. (Coord.). (1992). *Morte e desenvolvimento humano*. Casa do Psicólogo.
- Kowalski, R. L. (2022). Número de suicídios registrados no Paraná praticamente dobra em seis anos. *Bem Paraná*. <https://www.bemparana.com.br/noticia/numero-de-suicidios-registrados-no-parana-praticamente-dobra-em-seis-anos>
- Lessa, M. B. (2018). Um estudo sobre a moralização do suicídio. In A. M. L. C. de Feijoo (Org.), *Suicídio: Entre o morrer e o viver* (pp. 105-144). IFEN.
- Lima, J. M. (2018). Suicídio: Uma revisão sistemática da literatura. In A. M. L. C. de Feijoo (Org.), *Suicídio: Entre o morrer e o viver* (pp. 39-66). IFEN.
- Marcondes, V., & Preto, Z. (2020). O suicídio à luz da psicologia existencial sartriana [Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Universidade do Sul de Santa Catarina]. *Repositório Universitário da Ânima*.
<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/16619/1/TCC-PB-Z-OK.pdf>
- Ming-Wau, C., Boris, G. D. J. B., Melo A. K., & Silva, R. M. (2020). A decisão de tentar o suicídio sob a lente fenomenológico-existencial sartriana. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. 20(spe.), 1310-1330. <https://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.56663>
- Ministério da Saúde. (2021). Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil. *Boletim Epidemiológico*. 52(33), 1-10. https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf
- Minois, G. (2018). *História do suicídio: A sociedade ocidental diante da morte voluntária*. Editora Unesp.
- Rev. Psicol Saúde e Debate*. Set., 2023:9(2): 229-248.



- Morato, H. T. P. (2009). Plantão psicológico: Inventividade e plasticidade [Apresentação de artigo]. *IX Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições*.
R<https://laclife.files.wordpress.com/2009/10/click-na-figura-para-baixar-o-artigo-de-henriette.pdf>
- Nagafuchi, T. (2018). Em busca de vozes no silêncio: Suicídio, gênero e sexualidade na era digital. In F. Marquetti (Org.), *Suicídio: Escutas do silêncio* (pp. 147-175). Unifesp.
- Nietzsche, F. (2013). *A genealogia da moral*. Editora Escala.
- Oliveira, A. C. G. (2020). A morte pela espada: O suicídio ritualístico japonês analisado à luz da teoria de Émile Durkheim. *Estudos de Sociologia*, 25(48), 189-308.
<https://doi.org/10.52780/res.11943>
- Protasio, M. M. (2018). Camus e Kierkegaard: Do absurdo do desespero. In A. M. L. C. de Feijoo (Org.), *Suicídio: Entre o morrer e o viver* (pp. 231-265). IFEN.
- Protasio, M. M. (2020). Desespero e finitude: Análise existencial de uma situação clínica. In A. M. L. C. de Feijo (Org.), *Suicídio: Estudos & ensaios* (pp. 225-254). IFEN.
- Reichmann, E. (1963). *Esboço biográfico de Kierkegaard*. Editora da UFPR.
- Ribeiro, J. L. P. (2014). Revisão de investigação e evidência científica. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 15(3), 672-683. <http://dx.doi.org/10.15309/14psd150309>
- Roehe, M. V., & Dutra, E. (2017). Compreendendo narrativas sobre suicídio com base na analítica existencial de Martin Heidegger. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 23(1), 32-41.
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n1/v23n1a05.pdf>
- Santos, S. O. (2020). Uma preparação: O percurso da nossa pesquisa e uma proposta compreensiva sobre o suicídio. In A. M. L. C. de Feijo (Org.), *Suicídio: Estudos & ensaios* (pp. 7-27). IFEN.
- Sartre, J. P. (2013). *As moscas*. Nova Fronteira.
- Sartre, J. P. (2014). *O existencialismo é um humanismo*. Vozes.
- Sbeghen, E. P. D. (2015). Uma compreensão fenomenológica da vivência dos enlutados do suicídio [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá]. *Repositório Institucional da Universidade Estadual de Maringá*. <http://www.ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2015/edson-p>



- Schopenhauer, A. (2006). *Sobre el dolor del mundo, el suicídio y la voluntad de vivir*. Tecnos.
- Sêneca (2017). *Aprendendo a viver: Cartas a Lucílio*. L&PM.
- Silva, L. C. (2013). Suicídio: O luto dos sobreviventes. In Conselho Federal de Psicologia (Org.), *Suicídio e os desafios para a psicologia* (pp. 59-64). Conselho Federal de Psicologia.
- Silva, V. (2018). Um projeto de uma outra compreensão acerca do suicídio. In A. M. L. C. de Feijoo (Org.), *Suicídio: Entre o morrer e o viver* (pp. 7-16). IFEN.
- Souza, J. P. M. C. & Alves, J. H. M. (2013). Sobreviventes: O outro lado do suicídio [Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Universidade de Brasília]. *Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília*.
https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7276/4/2013_JoaoPauloMarianoSouza_JorgeHenriqueAlves.pdf
- Tangney, J. P., Miller, R. S., Flicker, L., & Barlow, D. H. (1996). Are shame, guilt, embarrassment distinct emotions? *Journal of Personality and Social Psychology*. 70(6), 1256-1269.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.6.1256>
- Tondo L., Lepri, B., & Baldessarini, R. J. (2007). Suicidal risks among 2826 Sardinian major affective disorder patients. *Acta Psychiatrica Scandinavica*. 116(6), 419-428.
<https://doi.org/10.1111/j.1600-0447.2007.01066.x>
- Vale, A. A. (2008). A possibilidade da impossibilidade: A morte na obra Ser e Tempo de Martin Heidegger [Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Faculdade Dom Luciano Mendes]. *Portal Pensamento Extemporaneo*.
<https://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=1994>
- Vares, S. F. (2017). O problema do suicídio em Émile Durkheim. *Revista do Instituto de Ciências Humanas*. 13(18), 13-36. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/15869/12785>
- Vidal, C. E. L., & Gontijo, E. D. (2013). Tentativas de suicídio e o acolhimento nos serviços de urgência: A percepção de quem tenta. *Caderno de Saúde Coletiva*. 21(2), 108-114.
<https://www.scielo.br/j/cadsc/a/ZgWqyVy6hjVYchTXBWc4z9R/?format=pdf&lang=pt>
- World Health Organization. (2022). World Suicide Prevention Day 2022 - Creating hope through action. <https://www.who.int/campaigns/world-suicide-prevention-day/2022>



Zappino, J. P. (2017). *El suicidio actual*. Editorial EOS.